

Mídia Educativa ou Educação Midiática? Os Tortuosos Caminhos da Cidadania

BARROS, Manuela

Professora titular da Universidade de Fortaleza

HONÓRIO, Erotilde

Professora titular da Universidade de Fortaleza

RESUMO

O presente trabalho é norteado por duas questões: É possível as práticas midiáticas da atualidade serem mediadoras de ações educativas? Poderiam os processos educativos encontrarem espaço de atuação na mídia? Para refletir sobre essas questões, parte-se do pressuposto de que a mídia é uma fonte de ampliação da experiência humana, e ao sê-lo, medeia a compreensão que temos do mundo e de nós mesmos. No entanto, essa fonte alimentadora do caudal socio-cultural dos indivíduos pouco tem contribuído para a inserção do homem na vida social de forma responsável, crítica e cidadã. Esse comprometimento não ocorre, possivelmente, pelo desconhecimento dos indivíduos dos saberes que compõem a cultura midiática e seus mútuos desdobramentos nas culturas eruditas e populares. Para trilhar os caminhos que unem as práticas educativas às midiáticas, faz-se necessário, então, interpenetrar saberes diversos, contemplando o resultado das possíveis combinações dessas tradições historicamente em marcha, em distintos tempos e espaços. Assim, a necessidade de edificação de uma sociedade cidadã exige a construção de uma ponte que ao unir essas duas instâncias de compreensão do mundo - a midiática e a educacional - desenvolva um contexto de referência que dê sentido às diferentes práticas culturais da vida cotidiana.

Palavras-chave: Mídia educativa. Educação midiática. Cidadania.

1 INTRODUÇÃO

Na esfera do senso comum, há pelo menos cinqüenta anos perdeu-se a ilusão de que a televisão teria um papel educador nas sociedades. Televisão é, hoje, sinônimo de entretenimento, muitas vezes, de má qualidade. Os programas de auditório e os recentes shows da realidade demonstram que tudo é permitido quando a meta é divertir as pessoas. Nos jornais impressos, há muito, a concorrência tem tornado a informação mercadoria valiosa que, não obstante sua multiplicidade, pouco tem contribuído para educar o cidadão. A profusão de informação da atualidade tem, de fato, trazido consigo, paradoxalmente, a apatia política, não participando, efetivamente dos processos de produção nem de socialização do conhecimento.

Por outro lado, as estações de rádio, se em seus primórdios, tinham a pretensão de serem difusoras de uma educação para as massas, hoje, contentam-se em veicular o sucesso musical do momento ou evangelizar por meio da espetacularização do sagrado. E mais atualmente, a internet, que já foi pensada como estratégia de democratizar o conhecimento, tem se mostrado celeiro fecundo da produção maciça de lixo cultural.

Nesse contexto, uma indagação deve ser feita: podem as práticas midiáticas serem mediadoras de ações educativas? A própria mídia, acreditamos, já incorpora à sua estrutura o modelo das narrativas orais, elas mesmas historicamente pensadas como fontes tradicionais de ampliação da experiência humana. Partimos do pressuposto de que as narrativas midiáticas se ancoram nas narrativas orais oriundas das tradições orientais de que “As Mil e Uma Noites” constitui-se sua peça mais conhecida. Assim como as narrativas orais explícita ou implicitamente, como lembra Benjamim (1971: 143) apresentam sempre um aspecto utilitário, “traduzido às vezes por uma moralidade, às vezes por uma recomendação prática, alhures por um provérbio ou uma regra de vida”, a mídia fornece um mapa social das grandes questões que fazem pulsar o ser humano. No entanto, essa fonte alimentadora de nosso “caudal socio-cultural” pouco tem contribuído para a inserção do homem na vida social de forma responsável, crítica e cidadã. Talvez, isso não ocorra pelo nosso próprio desconhecimento dos saberes que compõem a cultura midiática e seus mútuos desdobramentos nas culturas

eruditas e populares. Para trilhar os caminhos que unem as práticas educativas às midiáticas, faz-se necessário, então, interpenetrar saberes diversos, contemplando o resultado das possíveis combinações dessas tradições historicamente em marcha, em distintos tempos e espaços. Ao invés de pensarmos educação e mídia como instâncias estanques e separadas, devemos superar barreiras e distinções e pensarmos, como ensina Canclini (1997), em termos de intercâmbio e osmose, de fusão e transformação.

Nas sociedades latino americanas, como lembra Canclini, a incerteza sobre o sentido do processo de desenvolvimento social deriva não somente do que separa as nações, etnias e as classes, mas dos espaços sócio-culturais em que o tradicional e o moderno, o rural e o urbano, o conservador e o revolucionário se mesclam. Em nossas sociedades, os hábitos autoritários, os movimentos sociais democráticos e os regimes paternalistas se interpenetram, constituindo uma referência importante para pensar tanto o papel da mídia quanto o da escola nos processos educacionais. Assim, a necessidade de edificação de uma sociedade latino-americana mais justa e igualitária exige a construção de uma ponte que ao unir essas duas instâncias de compreensão do mundo - a midiática e a educacional - desenvolva um contexto de referência que dê sentido às diferentes práticas da vida cotidiana. Tal sentido, deve ser pensado a partir de seu aparecimento na ordem social.

Canclini (1986) lembra, desse modo, que conhecer não é compilar dados segundo seu aparecimento espontâneo, é dar-lhe sentido na lógica social. Essa premissa abarca, portanto, as reflexões que podemos realizar sobre a inserção das novas tecnologias nas práticas educativas. Como contextualizar, então, as novas tecnologias no quadro do ensino fundamental e médio brasileiro? Como pensá-las no quadro do ensino superior brasileiro? Como pensar essas práticas de ensino quando se encontram com as novas tecnologias, perfazendo o que se denomina hoje de ensino à distância?

A realidade da escola pública brasileira, segundo Cláudio de Moura Castro (1994: 27), “fracassa no mais central que é ensinar a ler, escrever e contar”. Entender o que se lê, comunicar-se corretamente por escrito e lidar com problemas numéricos ou quantitativos do cotidiano ainda é o grande desafio do ensino público. Nesse sentido, como os alunos serão capazes de entender a estrutura multilinear da internet materializada no hipertexto, se não são capazes de assimilar a velha estrutura narrativa tradicional da escola?

Se há uma co-relação errônea entre conhecimento e informação, o mesmo se dá quando tentamos estabelecer uma chave de compreensão para os múltiplos

significados que os termos ensino e educação nos incitam. Morin (2001: 12) ao referir-se à relação ensino e educação afirma que:

- a) Educar é organizar uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreender áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática);
- b) Educar é descobrir potencialidades, refazer caminhos, é respeitar a autonomia do educando;
- c) Educar é relacionar teoria e prática, é aprender a refletir e refletir junto, é desconstruir a ciência com um novo olhar;
- d) Educar é valorizar o que o aluno traz da família, da rua e da sociedade;
- e) Educar é trabalhar a emoção, o sensorial, o intelecto e a intuição.

Educar, é pois, incentivar a curiosidade e a admiração que levam à descoberta do novo. A problematização do mundo, matéria prima dos processos educacionais, seja quais forem os conteúdos que abarquem, necessita da construção não somente de novas metodologias, mas de metodologias que se edifiquem por sobre novas sensibilidades, sensibilidades estas que podem ser compreendidas por meio da cultura midiática. No entanto, as questões educacionais ainda se encontram no círculo vicioso de seus problemas viscerais não superados. As próprias tentativas de resolução desses problemas, apesar de terem como parâmetro as novas linguagens que a tecnologia ajuda a construir, são infrutíferas à medida que deixam questões essenciais em aberto.

As reflexões sobre a contribuição da mídia no processo ensino-aprendizagem se restringem ao uso de novas tecnologias em sala de aula. Essa inserção é entendida como transmissão rápida de conhecimentos consignados em manuais de fácil leitura para os estudantes, de preferência ricos em ilustrações e com duplicatas em CD's. Nesse sentido, o que temos visto no sistema educacional brasileiro é a percepção da necessidade de mudança qualitativa (o que é em si deveras positivo), mas essa percepção é orientada por um simplismo esquemático que tenta unir linguagens distintas, sem levar em conta a forma como os indivíduos têm vivenciado seus processos culturais a partir de suas reais condições de existência. Nas sociedades contemporâneas, há um descompasso entre o conteúdo dado em sala de aula e o contexto no qual o aluno está inserido. O aluno é incapaz, na maior parte das vezes, de interrelacionar os fatos históricos refletidos em sala de aula com os acontecimento atuais. O conhecimento, portanto, não se concretiza e os dados históricos se transformam em simples fontes de informação.

Se a educação, até alguns anos, era vista como um processo que se completava na conclusão do ensino superior (para aqueles que fazem parte do topo da pirâmide social) ou na conclusão do ensino médio (para uma parcela da população ainda

privilegiada), hoje a complexidade do mundo exige um corpo de conhecimentos diversificado, levando à percepção da educação como oriunda de uma demanda que integre conhecimentos tradicionais com conhecimentos emergentes, mediados por novas linguagens, construtoras da relação desses dois saberes. Esse processo é mediador da compreensão que podemos ter do mundo bem como a grande alavanca para a deflagração da tão necessária transformação social. No entanto, a educação na prática tem enfrentado sérios obstáculos para a sua materialização.

A educação é mais do que nunca privilégio de elite. A grande maioria da população ainda não consegue ultrapassar as barreiras do ensino básico. Essas barreiras podem ser definidas em sete pontos interdependentes:

1. A primeira grande questão está no fato de que o professor passa em sala de aula o que ele acredita, os seus valores, o que ele é como cidadão. E qual é a realidade desse professor? Desestimulado na profissão, sem infraestrutura, esse mestre tende a ser, quando muito, mero repassador de conteúdos. Os conteúdos transmitidos estão, quase sempre, desvinculados da prática, separados da realidade na qual se inserem aluno e professor.

2. A atitude do professor em sala de aula rege-se pela forma como desempenha sua cidadania, quase sempre de forma apática, desmobilizada, sem referência às questões sociais que circunscrevem a prática educacional.

3. Os limites das condições de ensino vão do formato da sala de aula, passando pela acústica, temperatura, disposição das cadeiras que se transformam em obstáculos para a aprendizagem, uma vez que não criam o clima adequado para o processo de descoberta inerente ao ato educativo.

4. O número de alunos, normalmente exorbitante, é outro grande obstáculo que se interpõe na delicada função de ensinar.

5. O público alvo é carente e defasado.

6. A falta de entusiasmo do professor é outro ingrediente que acaba por contaminar o aluno, perdendo-se assim, para alguns, a única oportunidade de adquirir conhecimento e desenvolver o potencial crítico e reflexivo necessário para a construção do ser humano participativo e ético.

7. A relação aluno/professor tende a não ser a mais amigável e a participação e o interesse dos pais inexistentes. Como consequência, a visibilidade e influência da escola na comunidade, quando existe, não são positivas ou não são as desejadas.

Nas escolas públicas, a ausência de recursos materiais e humanos é, assim, flagrante. No entanto, nas escolas particulares, o quadro de descalabro do ensino, apesar do

acesso razoável a recursos materiais e humanos, não as qualifica como verdadeiras instituições fomentadoras do saber. As escolas, em geral, têm a tendência a confundir informação com conhecimento e capacitação com cidadania. As escolas particulares, em especial, reafirmam essa confusão. Detentoras do acesso a mais alta tecnologia, passam a ver o processo educacional como o uso indiscriminado de equipamentos ou a aprendizagem estanque de línguas estrangeiras. Os grandes desafios do conhecimento e seu uso para a construção de um mundo cidadão restringem-se ao ensino das fórmulas consagradas que garantem o sucesso profissional.

Uma como a outra estão longe de alcançarem os ideais a que se propõem. Na universidade, nota-se de maneira contundente o descompasso entre a cultura erudita, a cultura popular e a cultura de massa. Isso talvez ocorra porque os estudiosos tanto da área de comunicação quanto da área educacional costumam pensar a cultura de massa, a cultura popular e a cultura erudita como universos separados. Mas, assim como não funciona a oposição entre o tradicional e moderno, tampouco o culto, o popular e o massivo estão onde nos habituávamos a encontrá-los. Nessa óptica, segundo Canclini (1997) é necessário desconstruir essa divisão entre esses três pisos - culto, popular e massivo - e averiguar se a sua hibridação pode ler-se com as ferramentas e as disciplinas que os estudam em separado: a história da arte e da literatura que se ocupam do culto, a antropologia e o folclore consagrados ao popular, os trabalhos sobre comunicação especialmente centrados na cultura de massa. Precisamos, nesse sentido, de ciências sociais nômades, capazes de circular pelas escadas que comunicam esses pisos. Essa visão transdisciplinar sobre estes circuitos híbridos tem consequências que desembocam na própria forma como a investigação cultural deve ser empreendida.

Nas investigações desses processos culturais, ressalta-se o fato de que os alunos são oriundos de um sistema audio-visual que não os preparou para a entrada no altar do pensamento crítico proveniente da civilização do livro. Como afirma Barbero (1995), não podemos prescindir da leitura em razão da memória do planeta estar registrada nos livros. É impossível tomar conhecimento da história da humanidade sem nos determos no universo da cultura letrada. Mas, os alunos lêem cada vez menos. As tentativas de entender este fenômeno têm fracassado porque atribuímos, no mais das vezes, a responsabilidade a um jovem acomodado, preguiçoso e desabitado a ler desde à sua entrada na escola por culpa, dizem alguns, da televisão. O livro não está associado ao espaço da criatividade e os meios, interligados ao lúdico, são desvalorizados como ferramentas educativas, apesar de constataremos a enorme demanda que ocasionam nos jovens.

Na verdade, nossos alunos não lêem e quando o fazem não compreendem o que leram. Só se sentem motivados para falar sobre a estrela global do momento ou sobre o esporte radical da moda. Os grandes desafios do conhecimento lhes são estranhos. Em especial, os alunos da classe média, conformados pela sociedade capitalista, vêem a educação como uma mercadoria que deve ser consumida rapidamente nos intervalos entre uma fofoca, uma paquera interessante e o resultado do paredão do *Big Brother*. Nessa relação de compra e venda, os professores se tornam vendedores de serviços e os colegas se transformam em competidores num mercado cada vez mais escasso.

O fim último da educação é a simples conquista e/ou preservação de um lugar ao sol no mercado de trabalho. Para adquirir tão almejado sucesso profissional, o aluno deve ainda ter o domínio das novas tecnologias, em geral, aquelas ligadas à informática. Em um trabalho de sisífo, os jovens tentam desesperadamente acompanhar os novos lançamentos do mercado. No estado de permanente competição em que se encontram, dar conta dessas novas tecnologias se torna questão primordial, correndo o risco de não serem considerados aptos ao sucesso, caso não estejam “plugados” nas novidades do momento.

Mas, de fato as novas tecnologias cumprem aquilo que prometem? Na maioria dos autores que se dedicam ao assunto como Pierre Levy (2001), José Manuel Moran (2000), Marcos T. Masetto (2000), elas aparecem como a nova esperança para a socialização do conhecimento, conseguindo sucesso onde a escola tradicional teria falhado. A internet, em especial, seria capaz de contribuir para a construção de uma civilização diferente. Uma civilização que abrigaria uma comunidade inteligente, com possibilidades de intercambiar saberes, capazes de se adaptarem às necessidades e aos projetos de vida dos indivíduos. Mas, esse pensamento linear e esquemático dá conta da realidade?

A visão das novas tecnologias como peça essencial ao processo de ensino-aprendizagem, sem as devidas reflexões que tal inserção exige, é falha. Quando não nos damos conta de que toda mediação do conhecimento necessita de uma filosofia e de uma ética que a sustente, recaímos no mais fundamental dos erros: a não distinção entre informação e conhecimento e, em segunda instância, entre conhecimento e educação.

Umberto Eco em artigo da Revista Veja (de fev. de 2001) afirma que na internet há uma quantidade incomum de informações, a maior parte tachada por ele de lixo. E o mais grave é que os usuários não têm condição de saber separar o que é lixo do que é importante, em função dos problemas advindos do ensino tradicional que não capacita como devia seus egressos e isso se evidencia com maior clareza no uso da internet.

Enquanto os alunos se perdem “no mar” de detritos, as fontes científicas encontradas na rede são praticamente ignoradas-desconhecidas. Apesar da eficiência dos sites de busca, o aluno não consegue clarear suficientemente o seu pensamento a fim de navegar por fontes fidedignas que têm algo importante a dizer sobre o mundo.

Vive-se, hoje, a banalização da informação, e na internet é necessário filtrar e selecionar, protegendo-se da avalanche de dados inúteis. Esses dados não ultrapassam, assim, a simples barreira da acumulação, incapazes de serem transformados em conhecimento. Lembramos que a informação é fragmentada, estanque, unilateral, enquanto o conhecimento é estabelecido por um sujeito cognoscente que seleciona; elimina o que não é importante; articula; estrutura; analisa; critica, transformando o dado em mediação para experimentar o novo. Pressupõe-se que esse indivíduo cognoscente seja um indivíduo livre, mas como ser livre no processo de globalização, no qual, ao contrário do que pensa Pierre Levy (2001), não se atende às necessidades dos indivíduos, mas necessariamente se deve atender às necessidades do mercado? Como conceber um indivíduo livre numa estrutura de exploração que esse mercado ajuda a construir?

A internet é apenas um meio a ser utilizado pelo professor. Ela não resolve o problema da educação brasileira, pois, seu uso ainda está circunscrito às elites e a questão da educação em nosso país como, já bem o disse Cláudio de Moura Castro (1994), só pode ser pensada em termos de massa, pois, educação é uma questão de massa. Assim, toda e qualquer possibilidade de mudança significativa nesse quadro deve ser refletida no contexto real no qual o processo se dá. O que nos causa mal-estar é verificar que, apesar dessas ressalvas claras, os autores que se dedicam ao assunto, com algumas exceções, estão eufóricos com as novas tecnologias e sua aplicabilidade, parecendo esquecidos da realidade da escola que temos.

Nas sociedades latino-americanas, a carência infra-estrutural é tão presente que o uso das novas tecnologias nas escolas públicas é ainda uma realidade difícil de ser operacionalizada. Esta inviabilidade começa na dificuldade de compra de um número suficiente de equipamentos que dêem conta das demandas das instituições; da dificuldade de manutenção e de reposição desses equipamentos e da falta de professores preparados adequadamente para usar este arsenal em sala de aula. Por outro lado, essa carência se reflete ainda no outro elemento que compõe a relação ensino-aprendizagem: o aluno. O aluno, que ainda nem sequer domina o conteúdo tradicional de sala de aula- ler, escrever e contar- tem que lidar com uma tecnologia que exige o domínio dessas três ferramentas básicas. A aposta no salto de qualidade no ensino público em função dos usos das novas tecnologias deve ser, então, mais realista.

Destarte, a escola continua a formar profissionais para se adaptarem às exigências excludentes da globalização e não para transgredirem, transformarem a realidade na direção de uma melhor qualidade de vida. Reconhecemos que as redes de aprendizagem como instrumento metodológico vêm facilitar, criar e ampliar o que na escola tradicional temos como grupo de estudo. A internet possibilita, de forma mais abrangente e confortável, a participação do professor/aluno e interessados em discussões, com possibilidades de mudanças qualitativas nos processos de aprendizagem. Ela pode vir a se tornar um incentivo no ato de estudar, aprender, pesquisar e pensar. Ela pode também incrementar e transformar certas capacidades cognitivas, a memória, a imaginação, o cálculo, o raciocínio (Levy, 1999). No entanto, tudo isso só poderá se concretizar se as novas tecnologias forem vistas não como essência, mas como elemento para se atingir um primeiro estágio da excelência, tendo como ponto de partida o binômio aluno/professor, porque “só vale a pena ser educado dentro de um contexto comunicacional participativo, interativo, vivencial. Só aprendemos profundamente dentro desse contexto.” (Moran, 2000:27).

A educação, mesmo quando se volta para as tecnologias de ponta, não acompanha as novas sensibilidades que se materializam nas demandas culturais claramente percebidas nos conteúdos que os meios de comunicação de massa divulgam. Não adianta continuarmos a reclamar que o nosso aluno encontra maior motivação na mídia do que no livro. O que devemos tentar entender é como a mídia alcança a sensibilidade do jovem enquanto as instituições educacionais não conseguem fazê-lo, apesar de todos os seus esforços. O que há na cultura midiática que traz consigo a sensação de prazer que há muito as instituições educacionais deixaram de propiciar? É inegável que as instituições de ensino são o local por excelência da reflexão crítica. É inegável que a mídia é o espaço privilegiado de difusão da informação. No entanto, nenhuma nem outra tem alcançado o seu fim primeiro: a formação de um indivíduo, crítico, atuante, criativo.

A mídia ao cumprir o seu papel de mediadora do mundo recorta os eventos que o compõem, simplificando a realidade. A educação, ao contrário, ao mediar a compreensão que temos do mundo, expande a realidade. Como nos lembra Luhmann (2000), os meios de comunicação de massa modelam as imagens do mundo ao selecionar e organizar símbolos mediadores da realidade que é por demais ampla e complexa para um entendimento direto. O conhecimento, por outro lado, quando aplicado socialmente, expande, amplifica e dinamiza a compreensão que temos do real. A grande questão estaria, assim, em como simplificar e complexificar ao mesmo tempo. As instituições educacionais tanto quanto a mídia narram o mundo, dando-lhe

um sentido, imputando-lhe uma forma. No entanto, as práticas educativas estão em franca desvantagem porque se a mídia possui uma audiência cativa que “gruda”, por exemplo, na tela da tv, as escolas e universidades lutam todos os dias para conservar seus alunos atentos aos desafios que o conhecimento nos coloca.

Nos últimos anos, educadores têm tentado trazer a mídia para a sala de aula. Utilizam-se de filmes, programas de tv, recortes de jornais para angariar a atenção dos alunos. Mas essas práticas parecem não estar obtendo o resultado esperado. Há uma franca ausência de interesse. Alguns educadores chegam inclusive a assimilarem os trejeitos de apresentadores de programas de auditório em sala de aula: pulam, dançam, cantam. O resultado de tais empreendimentos é a transformação da educação em mero *amusement* nos termos em que o definiram Adorno e Hockheimer (1985).

Nessa óptica, educação tem que ser entretenimento. Vivemos a cultura do prazer. Nada que exija esforço, empenho, disciplina (quase sempre entendida como autoritarismo) e compromisso é bem visto pelos alunos. Na expressão deles, “tudo é muito chato”. Entreolham-se, em sala, esperando ansiosamente pelo momento mais importante da aula: a hora da chamada. Nesta ocasião, tornam-se animados, motivados. É praticamente um dos poucos instantes que se comportam como estudantes: ansiosos pelo o que virá depois - infelizmente - o fim da aula. Esse quadro de desencanto é comum de Norte a Sul do País, nas escolas públicas e particulares.

Não estamos dizendo que não devemos fazer o intercâmbio entre a linguagem da mídia e a linguagem da sala de aula. Essa é uma interação necessária e urgente se quisermos ter alunos no milênio que se inicia em vez de consumidores de mercadorias. Mas, talvez seja a hora de repensar a forma como estamos realizando tal simbiose. E nos lembrarmos que nosso primeiro compromisso não é apenas com a formação de profissionais e sim de cidadãos. Esse é o grande desafio do novo século. Como construir a cidadania num mundo cada vez mais plural onde a informação (quer venha através da escola ou da mídia) é mercadoria de fácil consumo e de baixo rendimento?

Se a mídia penetra de forma equivocada na escola, como será que as ações educativas penetram na mídia? As análises sobre os produtos culturais se detém, em parte, tradicionalmente, nos processos de alienação e submissão a que submetem às massas. Por outro lado, as análises dos últimos vinte anos, que fogem a esse quadro referencial, vêem na mídia estratégias de sedução e de prazeres, ignorando o papel da mídia como socializadora do conhecimento. De um lado, temos uma tradição de pensamento que politiza os meios, levando essa politização até a radicalização de seu potencial de domínio das mentes, do outro, nós temos um corpo de estudos que despolitiza a mídia, ao enfocar mais a questão da inserção cultural dos seus usuários

que o significado desta para a ação educativa. Nenhum nem outro, conseguem perceber os produtos culturais midiáticos como potenciais mediadores de processos de socialização do conhecimento.

Muito tem se estudado a forma como a mídia está alterando todos os aspectos de nossa sociedade e cultura. No entanto, poucos estudos têm abordado a sua potencialidade de integrar indivíduos e grupos excluídos socialmente, reconstruindo o conceito tradicional de educação. Quando se fala na relação mídia e educação, dá-se ênfase na contribuição do uso crítico e pedagógico da mídia na escola, no desenvolvimento de meios de comunicação no ambiente escolar e na contribuição das novas tecnologias de informação para a educação à distância. Essa linha de estudos, apesar de profícua, parece ter como ponto pacífico uma certa “desistência” da compreensão dos produtos da mídia como lugar privilegiado de intercâmbio de saberes, de abertura a novos mundos, de construções críticas, criativas e reflexivas. Repassa-se a impressão de que a mídia é apenas uma catalisadora das ações educativas na escola e não uma educadora também em essência. Na verdade, os professores costumam formar cursos de leitura crítica dos meios, que geralmente abordam os equívocos da mídia.

Difícilmente, analisam, em sala de aula, os seus aspectos positivos. Não há na academia o reconhecimento de produtos midiáticos de valor educativo, que propõem uma reação frente aos desafios de uma sociedade multicultural. Os estudiosos da área parecem ter prazer em apontar os equívocos da mídia, contrapondo o culto ao midiático como forma de justificar o seu saber. Talvez, esse estado de coisas, venha, como já afirmou tanto Canclini como Barbero, do não entendimento das hibridações entre a cultura erudita, a popular e os processos midiáticos. Assim, a análise da cultura contemporânea talvez exija um viés que se detenha nos produtos midiáticos, enfatizando os processos educacionais nele inseridos.

Uma pesquisadora que salienta essa relação é Rosa Maria Bueno Fisher, doutora em Educação pela UFRGS e editora da Revista “Educação & Realidade”. A professora tem se dedicado em seus estudos a identificar a qualidade pedagógico de produtos televisivos, caracterizando o “dispositivo pedagógico” da mídia, a partir de uma análise das estratégias de sua linguagem. A pesquisadora procura fazer uma comparação entre as estratégias comunicacionais de produtos televisivos de caráter comercial e as de produtos explicitamente educativo-culturais.

Se os meios de comunicação atuam na formação dos sujeitos sociais, não podemos deixar de exemplificar práticas educacionais encontradas em produtos midiáticos, tradicionalmente alocados na esfera do entretenimento. Este é o caso das telenovelas. O que define as telenovelas, dentre outras especificações, é seu carácter

datado. As telenovelas põem em jogo a discussão de temas de forte inserção social: desemprego, drogas, violência, homossexualismo, doenças, ecologia, direitos trabalhistas, todos eles de fundamental importância para o jogo social. Ainda na instância do entretenimento, temos os programas femininos. Habitualmente taxados pelas feministas mais radicais de “emburrecedores” e “retrógrados”, tais programas fornecem a uma população carente de tudo, informações importantes para a complementação de seu repertório mental. Nos programas femininos, encontramos informações sobre saúde, sexualidade, emprego, violência, relacionamento afetivo, todas elas, extremamente úteis para o desenvolvimento de suas práticas rotineiras.

No campo da informação, podemos citar programas como o “Globo Repórter”, “Globo Rural” e o próprio “Show do Milhão”. Não se pode negar a contribuição que “O Show do Milhão”, apesar de todas as críticas que podemos fazer ao conjunto de perguntas postas no jogo e a forma de estruturá-las, oferece à população. Os telespectadores têm ali a oportunidade de participação no sistema cultural mais amplo, tendo acesso a novos códigos e linguagens. Acreditamos que para uma população ávida por informações de toda ordem, programas como “O Show do Milhão” contribuem, inclusive, para melhorar a auto-estima das pessoas.

No rádio, temos os programas de utilidade pública que fazem denúncias, funcionando como instâncias mediadoras de problemas infraestruturais básicos da população carente. Esses programas permitem ainda a participação dos ouvintes, prestam serviços como o de balcão de emprego e trazem também informações úteis sobre saúde, educação, política. Embora as características das denúncias sejam heterogêneas e multifacetadas e a participação popular deva ser ampliada e qualificada, o rádio tem aprimorado, inegavelmente, a relação do Estado com a sociedade.

Nos jornais, o espaço para a expressão do pensamento crítico, apesar da informação ser mercadoria, ainda subsiste, no que se denomina de “Opinião do Leitor”. Encontramos também na imprensa escrita, a inserção de suplementos educativos e o encarte de livros para-didáticos, incentivando dessa forma a leitura, em especial, para as classes populares que ainda não adentraram nas formas letradas de difusão do conhecimento. A confecção de cadernos que tratam de questões referentes à qualidade de vida e à economia doméstica também é hoje uma prática nos maiores jornais do País. Na própria internet, as revistas eletrônicas, os sites de discussão sobre os mais diferentes assuntos e mesmo os jornais eletrônicos alternativos encontram um lugar de exibição, estando disponibilizados de graça para quem tem acesso aos computadores.

No entanto, ressaltamos que o uso cidadão/ético/educativo da mídia é coisa rara, onde predomina os programas radiofônicos e televisivos de má qualidade, os jornais comprometidos com interesses particulares que pouco se entrecruzam com os da coletividade e o uso da internet como veículo difusor de pornografia, pedofilia e de violência explícita. Se o uso pertinente da mídia na escola encontra problemas, se a educação na mídia é prática fragmentada e dispersa, fica a pergunta primeira: para onde estamos caminhando? Perdemos em algum momento a vereda do bom caminho ou jamais a percorremos? Tentamos mostrar, neste curto espaço, as dificuldades para a construção de uma relação profícua entre mídia e educação. Talvez nos animasse mostrar suas dificuldades mais do que seus avanços não para recairmos no pessimismo contraproducente, mas para melhor enxergarmos o muito que ainda tem a ser feito.

E, lembrar que, para realizar a mídia que queremos e a escola que precisamos, precisamos estar com os pés no chão porque esse é o meio mais eficiente para se construir a cidadania que tanto almejamos. Como os velhos frankfurtianos, somos extremamente pessimistas na teoria e profundamente otimistas na prática. Acreditamos que existem caminhos alternativos mas eles não são fáceis de serem percorridos. Cabe, assim, aos comunicadores e professores como cidadãos e profissionais comprometidos com o desenvolvimento social tentar burlar as dificuldades aqui apontadas. Nesse sentido, as ações devem ser feitas desde já para um futuro cidadão no milênio que se inicia. A sorte está lançada.

BIBLIOGRAFIAS

- BENJAMIM, Walter, *Œuvres*, tome II. Paris: Denoël, 1971.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, São Paulo, Edusp, 1997.
- COUTINHO, CARLOS NELSON, *Gramsci e a América Latina* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- CASTRO, Cláudio de Moura. *Educação brasileira: remendos e consertos*. São Paulo, Rocco, 1994.
- LEVY, P., *A Inteligência Coletiva*. São Paulo, Loyola, 1999.
- LEVY, P., *As Tecnologias da Inteligência*, São Paulo, Editora 34, 2001.
- LUHMANN, Niklas *The Reality of the mass media*, Stanford, Stanford University, 2000.
- MASETTO, M.. Mediação pedagógica e uso da tecnologia. In: MASETTO, M. MORAN, T.; BEHRENS, M. A. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*, São Paulo, Papirus, 2000.
- MORAN, T. Ensino e a aprendizagem com tecnologias audiovisuais e telemáticas In: MASETTO, M. MORAN, T.; BEHRENS, M. A. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*, São Paulo, Papirus, 2000.
- MORIN, E. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, Rio de Janeiro, Cortez Editora, 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesus. A América Latina e os anos recentes: os estudos de recepção na comunicação IN: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**, São Paulo, Brasiliense, 1995.

Copyright (c) 2003 Autor(es) / Copyright (c) 2003 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

